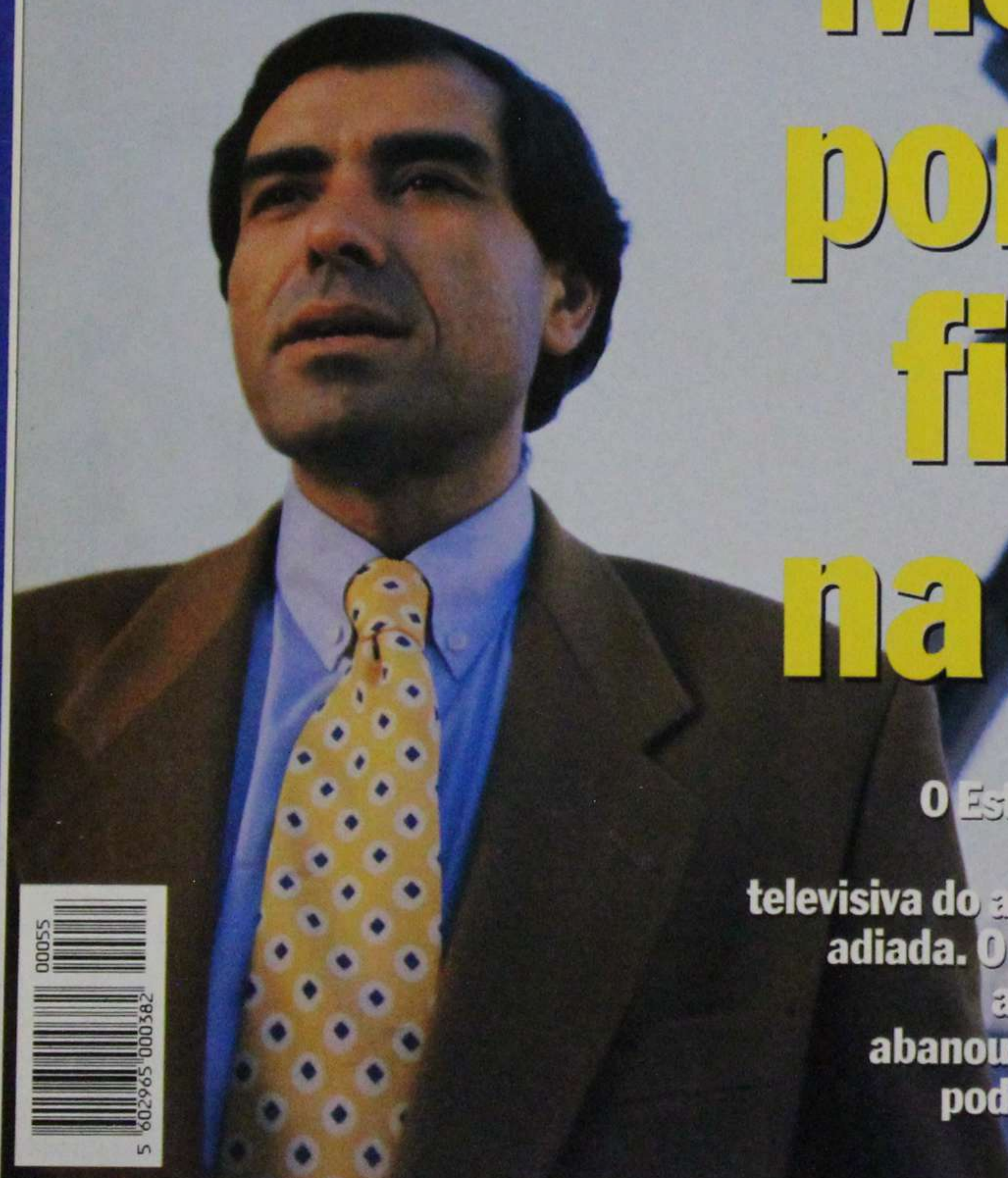


VISÃO

Máquina fiscal
à beira do colapso



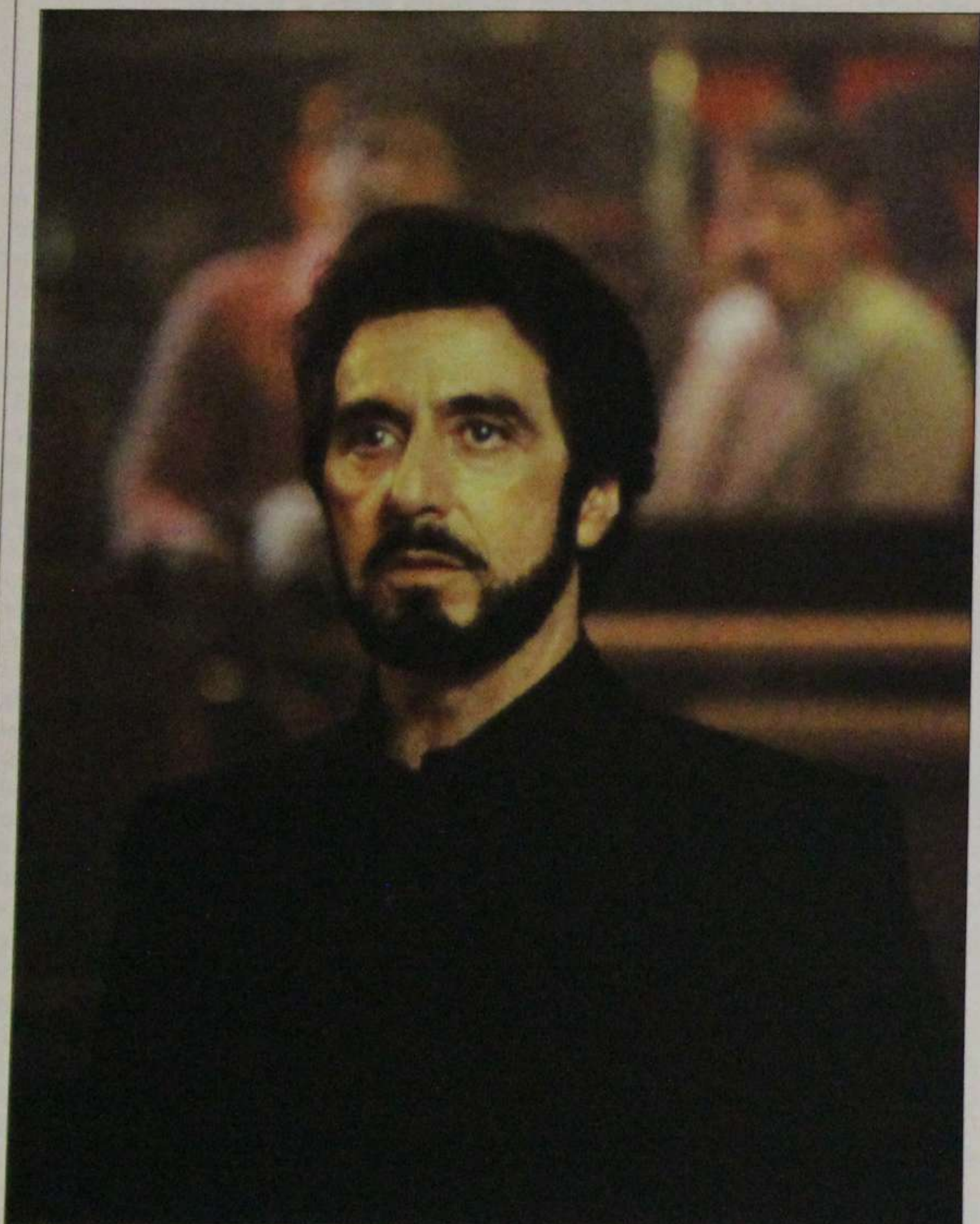
Moniz: porque fiquei na RTP

O Estado venceu a Igreja e a transferência televisiva do ano ficou novamente adiada. O senhor RTP já tinha abalado a SIC, agora abanou a TVI. Mas a novela pode não ter terminado



CINEMA

Perseguido pelo Passado



CARLITO'S WAY
de Brian de Palma
com: Al Pacino e Penelope Ann Miller
Lisboa: Alfás, Amoreiras, Fonte Nova,
Mundial e S. Jorge
Porto: Passos Manuel e Stop

Carlitos Brigante é um marginal que, à imagem da personagem de Robert de Niro em *O Cabo do Medo*, aproveita os seus anos de prisão para se tornar um homem culto. Ao contrário de De Niro, no entanto, regenera-se, torna-se dono de um bar e medita filosoficamente sobre a existência a cada passo que dá. A sua voz off pontua as imagens de fio a pavio, sendo este lado filosofante o que de pior tem o filme, uma vez que os olhos tristes de Al

Pacino bastariam para nos dar a dimensão trágica de Carlito's. Convém não esquecer que estamos perante um filme de Brian de Palma, realizador para quem a redundância não é um defeito mas sim uma figura de estilo. A regeneração de um gangster com o calibre de Carlito's não é tarefa fácil, principalmente porque ele se move honestamente num meio onde imperam os seus ex-códigos e, ao não querer atrair ninguém, acaba atraído por todos.

De brilhante o filme tem toda a sequência final, passada na estação central de Nova Iorque, em que Carlito's se livra de quatro perseguidores implacáveis, usando umas escadas: De Pal-

ma devia ser desde já eleito o realizador que melhor filma cenas de acção em escadas — sendo que, desta vez, e acompanhando o progresso tecnológico dos tempos, as escadas são rolantes. *Perseguido pelo Passado* está longe de ser excelente, mas sê-lo-á se se considerar apenas a cinematografia de De Palma que, desde o sanguinolento *Scarface*, ia de mal a pior.

Graça Castanheira

Quando o Céu e a Terra Mudaram de Lugar

HEAVEN AND EARTH
de Oliver Stone
com Tommy Lee Jones e Joan Chen
Lisboa: Amoreiras, Quarteto, Fonte Nova,
S. Jorge e Alfás
Porto: Lumière

Oliver Stone não desiste. Na sua obra, toda obcecada com a década de sessenta encenada com o amor de um porta-estandarte da geração, o Vietnam sempre ocupou o lugar central. Virado e revirado o conflito do avesso, ainda quis escarafunchar um pouco mais na ferida. Depois de *Platoon* (o conflito visto pelo lado americano de quem lá combateu), *Nascido a 4 de Julho* (o drama dos viet-vets que se sentiram defraudados pela pátria, no regresso), e *JFK* (onde esta guerra é apresentada como o grande pano de fundo para a conspiração que ceifou Kennedy) faltava o ponto de vista dos que lá viviam.

Esta é história de uma jovem vietnamita que foi feliz, viu a guerra (americana) chegar, e hoje vive nos Estados Unidos. Com a caução da «história verídica», pois o argumento é feito a partir dos dois livros em que Le Ly Hayslip's conta a sua vida: *When Heaven and Earth Changed Places* e *Child of War, Woman of Peace*. Temos então o relato de uma vida de coragem, absurdamente truncado pelos excessos épicos de Stone. O eixo da narrativa é o primário desenvolvimento cronológico que qualquer série televisiva teria prazer em adaptar. Os tempos felizes em que os deuses estavam no seu lugar, mostram uma aldeia do Vietname Central, onde a colonização francesa quase não se fazia sentir. Depois o país transforma-se num xadrez explosivo, dividido em todas as direcções pela chegada dos americanos e a própria cisão

dos vietnamitas nas várias tendências comunistas e capitalistas. A protagonista (excelente debute de Hiep Thi Lee) é uma jovem camponesa que sofre na carne e na vida estes dramáticos acontecimentos.

A parte má é o próprio filme. Stone leva a sua alarvidade ao extremo, e o cabotinismo que o caracteriza tão unicamente está em forma. Ralentis, os pôr do sol, lágrimas e suspiros, sangue a despropósito e violência gratuita, tudo se encontra aqui aos molhos. Quem diria que, depois de um interessante filme como *JFK*, este americano voltaria à carga com os seus traumas em forma de imagens só para nos fazer perder tempo.

Teresa Carmo

REVISTAS

Tucker

INVERNO 93/94
82 págs., 750\$00

Corresponde *grosso modo* àquele conceito de revista que entende ser mais importante a opinião, o ponto de vista e uma certa maneira de estar caracterizada por valores partilhados por uma geração, do que a informação. Recordo um formador de jornalistas que repetia — muito pouco originalmente, aliás — que na imprensa a questão da informação é «incontornável». Quer isto dizer que, por mais voltas que se dê ao assunto, não há revista ou jornal que não tenha por base comunicar a outros (muitos, poucos ou só alguns) qualquer coisa de *novo*.

Pois a *Tucker*, produzida em França, está nos antípodas desta concepção de jornalismo herdada da velha escola da lauda e aureolada pelo filme negro americano dos anos 40. Não tanto no que respeita à questão (essa sim, incontornável) da novidade, mas por entender que o *novo* não se limita à materialidade dos factos mas também (e sobretudo) à originalidade do ponto de vista.

Quando assim é, o jornal ou revista assume uma personalidade — o mítico *estilo*. Neste caso, *estilo Tucker* significa muitas rubricas sobre onde ir, como ir, quem levar e por aí adiante; uma descarada e assumida apologia dos valores partilhados pelo minúsculo grupo que produz a revista (a propósito de Brad Pitt, o jovem actor norte-americano de *Thelma e Louise*, escreve-se que é «ultrafantasticamente sexy», «um belo ra-

paz» e «um dos mais talentosos actores da sua geração»); uma vertiginosa habilidade em conferir às imagens, sejam elas fotografias, ilustrações ou publicidade, uma notoriedade que lhes dá vida própria, ao invés dos habituais meros complementos (tapa-buracos) do texto. É o caso do interessante roteiro de três cidades europeias — Londres, Paris e Barcelona — e das reportagens, merecendo destaque a dedicada à Interpol, a polícia das polícias europeias.



Cosmopolita e urbana, elegendo o cinema por tema principal (embora não exclusivo nem permanente), o cuidado posto na publicidade ressalta da primeira à última página. Roupa, perfumes, carros, cigarros e bebidas são tratados em pé de igualdade com os textos dos jornalistas. Afinal, quem é que lhes paga os ordenados?

Tiago Vasquez

DISCOS

For 'Cannonball' and Woody

ANTONIO HART BMG
Novus 57' 15"

Com 57 minutos e 15 segundos não se pode dizer que seja um CD dos maiores, podia levar quase mais um terço de música...

Há muita gente que pondera uma compra de CD pela quantidade de música que ele transporta, e as fábricas sabem disso. Um consumidor de música é um consumidor, e quer mais pelo preço marcado, quanto mais, mais barato lhe fica o produto; é a mesma situação dos *encores* nos concertos.

Ouvi-o (do verbo ouvir) em Haia, em 1990, pela primeira vez. Fiquei abismado, o que, de facto, apenas serve para provar que me abismo, de vez em quando. Antonio era a segunda pessoa do colectivo de Roy Hargrove, este um trompetista. O jovem (jovens são os trapos!) Antonio Hart, ao saxofone alto, tocou impressionantemente. Impressionantemente quê? Impressionantemente bem! Nada de novo, algo de

pessoal, com a história do passado jazz toda sabida. Mais tarde foi a vez de o ouvir em Lisboa, tocou pior, há noites, e então no jazz onde a improvisação reina, é como escrever ou falar, umas vezes bem, outras mal, outras assim-assim, outras pior. Quando Almeida Santos for músico de jazz até ele pode solar mal. É a vida, o risco de não ler.

Desde 1991 que Antonio tem um disco publicado em seu nome, por ano. Este é o terceiro e com ele teve Antonio a coragem de abrir o jogo. Ao chamar-lhe *For Cannonball and Woody* presta declaradamente homenagem a dois enormes instrumentistas (saxofonista e trompetista, respectivamente) que deixaram um rasto muito importante no jazz, mas pouco lembrado e muito copiado. As cartas estão em cima da mesa como eu ando a insistir há uns tempos: não há músicos jovens, por assim dizer, há música antiga bem tocada pelos mais novos, porque os mais velhos já morreram. Que seria daqueles se estes ainda tocassem, Julian Cannonball Adderley, Woody Shaw, Dexter Gordon, Lee Morgan, Art Blakey, tantos outros, para não falar dos génios que deixaram muito por dizer, até o próprio Miles velho, porque os outros (como Parker ou Coltrane) morreram novos de idade e de ideias.

Neste CD há temas/composições de Antonio, de *Cannonball*, de Woody, e de poucos mais, todas apelativas. São cantigas sem letras que se ouviam no final dos 50, à esquina dos 60, quintetos clássicos, combos, com sopros e secção rítmica, tudo e todos acústicos, todos misturados, músicos de várias gerações, desde Jimmy Cobb (baterista) e Nat Adderley (trompetista), o mano de *Cannonball*, velha guarda deste sons funky, até del-fins como Antonio e seus amigos: Craig Handy (um tenorão), Darren Barrett (que trompetista!), e muitos outros desconhecidos na cena e impecáveis cumpridores dos objectivos. Há ainda trombonistas de duas gerações (Slide Hampton e Robin Eubanks) e Antonio a tocar (também bem) soprano. Tudo isto se passa em menos de uma hora, com os amaldiçoados *fade-out* e tudo. Boa música, que sempre o foi, bons músicos, que aparecem como pragas. Oh! Antonio, Antonio da parte de quem.



José Duarte